

Lourdes Bastos – uma homenagem

Elid Silva Bittencourt

O Grupo de Pesquisa Artes do Movimento prestou homenagem, na abertura do I Seminário Internacional Corpo Cênico – Linguagens e Pedagogias, à coreógrafa e preparadora corporal Lourdes Bastos (1927), pela sua importante contribuição ao desenvolvimento da Dança e do Teatro no Brasil.

Uma breve história

Em 1968 (ano emblemático da contracultura) é inaugurado o Teatro Ipanema, no Rio de Janeiro, no bairro que dá nome ao teatro, em terreno que pertencera à família de Rubens Corrêa. O grande ator, juntamente com o diretor Ivan de Albuquerque e a atriz Leyla Ribeiro criaram um espaço – e um Grupo - que definiria um estilo determinado de exploração da linguagem cênica, que se pode qualificar de delirante, onírica, mística, ritualística, de uma beleza estética arrebatadora. Seu compromisso era com a inteligência, a inquietação intelectual, a sensibilidade à flor da pele, a coragem de ousar, a determinação de ir até o fim no caminho traçado.

A coreógrafa Lourdes Bastos ao comentar com o amigo, e também professor da Escola de Danças do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, Klauss Vianna (1928-1992) que desejava fazer aulas de teatro, é incentivada a procurar o Grupo Teatro Ipanema. Nesta época (1976-1978), Klauss era professor na Escola de Teatro Martins Pena, onde Lourdes frequentou algumas aulas. Foi ele quem a indicou como preparadora corporal para a montagem, em 1979, da tragédia de Ésquilo *Prometeu acorrentado*, que o referido grupo teatral planejava realizar.

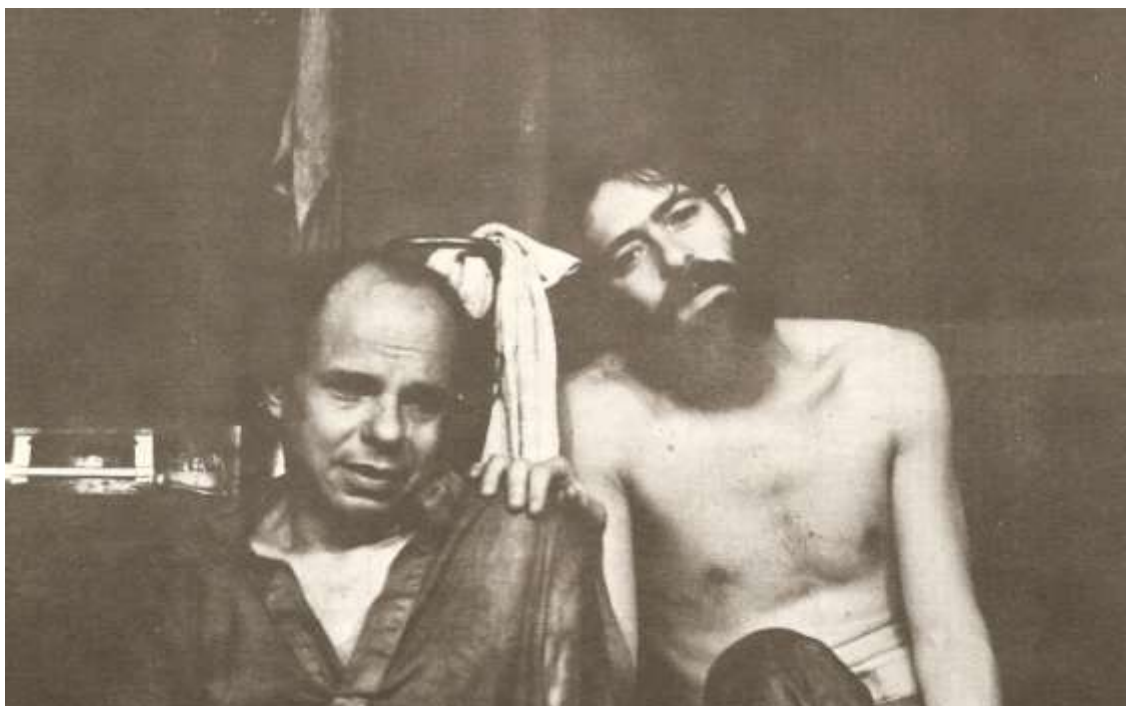
O Teatro Ipanema já havia realizado diversos espetáculos de sucesso como *O arquiteto e o imperador da Assíria*, de Arrabal, direção de Ivan de

Albuquerque, em 1970, *Hoje é dia de rock*, de José Vicente, em 1971, e *A China é azul*, de José Wilker, as duas últimas sob direção de Rubens Corrêa, que também atuou nas três montagens. É importante observar que o trabalho de preparação corporal nessas três montagens foi realizado pela família VIANNA; Klauss Vianna assinou a "Expressão Corporal" de *O arquiteto e o imperador da Assíria* e de *Hoje é dia de rock*, e Angel Vianna realizou a "Expressão Corporal" de *A China é azul*.

A preparação corporal para as peças listadas no final deste texto, em que Lourdes Bastos trabalhou com os atores do Ipanema era constituída principalmente de um trabalho corporal ligado à dança, assinado pela coreógrafa como "Corpo", inaugurando um novo termo nas fichas técnicas do Teatro Ipanema. Lourdes acreditava, justamente, que a dança daria para os atores uma maior projeção do "corpo" no espaço, incrementando sua disciplina corporal. A rotina de trabalho que aplicava enfatizava o fortalecimento muscular no chão e solo e, em seguida, conduzia improvisações sobre o tema da peça.

À montagem de *Prometeu acorrentado* seguiu-se *Um homem é um homem*, de Bertolt Brecht, *O beijo da mulher aranha* e *Quero*, ambas de Manuel Puig, além de *Quase 84*, de Fauzi Arap e *Artaud!* - esta última na interpretação genial de Rubens Corrêa.

Considerando-se os trabalhos feitos em outras produções, além das realizadas com o Grupo Teatro Ipanema, Lourdes Bastos trabalhou com dança na preparação corporal em dez peças, de 1979 a 1988.



Rubens Corrêa e José de Abreu em *O beijo da mulher aranha* - Foto de Alair Gomes e Emidio Luisi

Depoimentos

Todas as citações e informações que seguem foram colhidas pela autora em entrevistas realizadas como parte da pesquisa para o doutoramento sobre Lourdes Bastos, intitulada *Lourdes Bastos: o moderno na Dança no Brasil* e finalizada em 2009, no PPGAC-UNIRIO, sob orientação da Profa. Dra. Maria Cristina Brito.

O ator cearense Emiliano Queiroz relata o quanto Lourdes Bastos o auxiliou na preparação corporal e na construção do personagem Charles Fairchild, de *Um Homem é um homem* de Brecht, direção de Ivan de Albuquerque, em 1980. Segundo ele, o vigor físico necessário para a realização de cenas fortes e violentas foi possibilitado pelos exercícios que ela propunha, com o objetivo de fortalecer a musculatura, tais como os aquecimentos, corridas no palco, movimentos no chão, e um intenso trabalho de pernas: "Lourdes entendia a proposta dos atores e os ajudava a realizar o mais próximo da perfeição, e conseguia".

José de Abreu, ator em *O beijo da mulher aranha*, de Manuel Puig, também com direção de Ivan de Albuquerque e preparação corporal de Lourdes Bastos, conta que a coreógrafa ministrava o aquecimento e dava indicações importantes para a composição dos personagens: "Lourdes tinha um olho muito bom e havia uma afinidade muito boa entre ela e Rubens Corrêa, também ator na peça. Um exemplo do trabalho da preparadora é a cena em que os dois personagens, Valentin e Molina, se beijam. Segundo Abreu, "foi toda coreografada, chegando ao detalhe do movimento que Rubens fazia com o pé como se fosse o rabo de uma pantera. Era incrível! O rabo que se mexia arrítmico e circular".

O ator David Pinheiro, sobre a peça *Prometeu Acorrentado*, informa que Lourdes Bastos não levava nenhuma proposta pronta para os ensaios. Era pela observação que percebia as dificuldades dos atores e sugeria como melhor resolvê-las. Relata que, no papel de Prometeu, utilizava correntes fortes e pesadas e que Lourdes transformou a manipulação das correntes numa coreografia, organizando a movimentação em harmonia com o texto. A propósito de *Quase 84*, de Fauzi Arap, o ator relata que Lourdes também participou do trabalho de sincronismo entre texto e movimento; orientou os atores na ocupação do espaço; auxiliou na criação de corpo e gestos dos personagens.



Elenco de *Quase 84* – Foto de Guga Melgar

Na década de 80, o ator Fernando Eiras também trabalhou como ator ao lado de Rubens Corrêa e Ivan de Albuquerque, experiência que considera decisiva em sua formação. Suas palavras a respeito da grande mestre:

Lourdes, antes de tudo, é uma grande artista. Trabalha com a emoção, sensibilidade e sentimento, remetendo à qualidade expressiva de Martha Graham. (...) é a válvula nervosa do coração que transfigurava em movimentos mais sublimes. Não havia em Lourdes futilidade e nem mediocridade, aliás, futilidade e mediocridade a irritava. (...) era uma mulher das profundezas. Fez de mim uma pessoa melhor. (...) Ela tinha uma fé grande na transgressão da pessoa através da dança. É uma pessoa muito estimulante, com fome de vida. (...) Lourdes é muito intuitiva e tem um grande amor pela dança. Lourdes exigia ousadia e coragem. Ela queria que cada um encontrasse a verdade e o artista dentro de si.

No entanto, mais do que ninguém, foi Rubens Corrêa que melhor encarnou o ideal de ator que Lourdes almejava. Um dos trabalhos mais importantes de sua trajetória de coreógrafa foi a criação *Mar sem fim*, sobre poemas de Fernando Pessoa. Ambos trabalharam juntos desde o momento em que Lourdes concebeu a ideia. Coube a Rubens Corrêa realizar a pesquisa musical, ministrar workshops e trabalhar o texto com os bailarinos. Ao lembrar do processo de montagem, Lourdes se emociona: “Foi um encontro entre a dramaturgia, a música, o teatro e a dança, e muita criação!” Lourdes queria realizar um espetáculo que fosse um encontro de diversas artes. “O espetáculo *Mar sem fim*, com roteiro e narração de Rubens, foi apresentado 108 vezes. Havia um momento emocionante onde os bailarinos cantavam: ‘Navegar é preciso e viver não é preciso’. Era surpreendente porque até então não se via espetáculos de dança onde bailarinos cantassem.”

Fazendo já nos anos 80 o que muito tempo depois se convencionou chamar de direção de movimento, Lourdes também foi vanguarda como professora de Dança Moderna. Queria bailarinos que conhecessem as artes em geral, que estudassem, fossem ao teatro, que não fossem meros repetidores dos movimentos que ela criasse. Ela os instigava a serem autorais em suas

próprias danças e considerava imprescindível, para isso, adquirir um conhecimento maior sobre arte em geral. Precisava de um bailarino que, além do corpo, tivesse os reflexos trabalhados, a musicalidade, o ritmo, a alma e a inteligência.

A atriz Maria Padilha, que produziu e atuou em *Lucia McCartney*, conto de Rubem Fonseca adaptado por Geraldo Carneiro, com direção de Miguel Falabella, declara: “Ela não queria que as pessoas saíssem do espetáculo dizendo: Oh! Que trabalho corporal maravilhoso! Ela queria que as pessoas saíssem dizendo: Oh! Mas o Rubens estava ótimo! Isso, para ela, era o suficiente. Lourdes tinha um olho para detectar o ator em cena. Ela tinha uma visão de direção.”

É possível estabelecer uma analogia entre a “visão de direção” a que Maria Padilha se refere, e a “visão da coreógrafa” Lourdes Bastos, no modo como ela percebe o espaço cênico como um lugar de poesia, na importância do caráter econômico para expressar o que deseja, na limpeza e precisão dos gestos e também na sua inteligência e percepção de que o movimento escreve uma dramaturgia, seja na dança ou no teatro.

E para ilustrar a significativa contribuição que essa coreógrafa prestou ao Teatro Brasileiro, transcrevo a relação completa das peças em que Lourdes Bastos trabalhou na preparação de atores entre 1979 e 1988:

- 1- *Prometeu Acorrentado*, de Ésquilo, 1979. Direção de Ivan de Albuquerque. Estreia no Teatro Ipanema.
- 2 - *Fando e Lis*, de Fernando Arrabal, 1979. Direção de Rubens Correa. Estreia no Teatro Cacilda Becker.
- 3 - *Um homem é um Homem*, de Bertolt Brecht, 1980. Direção de Ivan de Albuquerque. Estreia no Teatro Ipanema.
- 4 - *O beijo da mulher aranha*, de Manuel Puig, 1981. Direção de Ivan de Albuquerque. Estreia no Teatro Ipanema.

5 - *Quero*, de Manuel Puig, 1982. Direção de Ivan de Albuquerque. Estreia no Teatro Ipanema.

6 - *Quase 84*, de Fauzi Arap, 1983. Direção de Ivan de Albuquerque. Estreia no Teatro Ipanema.

7 - *Casaco Encantado*, 1983. Direção de Thais Balloni. Estreia no Teatro do BNH.

8 - *Artaud!*, coletânea de textos de Artaud, 1986. Direção de Ivan de Albuquerque. Estreia no Teatro Ipanema.

9 - *Lucia McCartney*, de Rubem Fonseca, adaptação de Geraldo Carneiro, 1987. Direção de Miguel Falabella. Estreia no Teatro Nelson Rodrigues.

10 - *Mais uma Vez*, de Wood Allen, 1988. Direção de Rubens Correa. Estreia no Teatro Galeria.